



# Universidade de Brasília

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ANDRÉ SPINDOLA FONTENELE ALVES

**A VIAGEM DE OSCAR LEAL PELO MODERNO E O ATRASO:  
UM POSITIVISTA ENTRE GOIANOS EM FINS DO OITOCENTOS**

Brasília

2018

ANDRÉ SPINDOLA FONTENELE ALVES

**A VIAGEM DE OSCAR LEAL PELO MODERNO E O ATRASO:  
UM POSITIVISTA ENTRE GOIANOS EM FINS DO OITOCENTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de  
História do Instituto de Ciências  
Humanas da Universidade de  
Brasília como requisito parcial para  
a obtenção dos graus de licenciado e  
bacharel em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Neuma  
Brilhante Rodrigues

Brasília – DF, 7 de dezembro de 2018

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Neuma Brilhante Rodrigues

---

Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Marcelo Balaban

---

Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Kelerson Semerene Costa

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço aos meus pais por sempre terem feito de tudo para que eu tivesse a melhor educação que eles pudessem dar. À minha mãe, Elisabeth, agradeço pelos anos de dedicação exclusiva, por todo amor e cuidado. Ao meu pai, José, agradeço por sempre dar seu melhor para que não passássemos por grandes sufocos em casa, por todos os dias acordando ainda de madrugada para ir trabalhar, em claro sinal de amor e carinho por mim e minha mãe. Serei eternamente grato às oportunidades que os dois puderam me proporcionar, sempre visando meu bem.

Agradeço, também, ao meu namorado, Gabriel, por todo o apoio e compreensão que me dá desde julho de 2016. Sou grato à Jéssika, Gabriela Freire, Thaynná e João pela amizade e suporte em momentos difíceis desde o ensino médio. À Gabriela Coutinho e Kály pelos momentos de companheirismo, de diversão e ajuda nas mais variadas situações durante nossa graduação. O primeiro semestre de 2014 sempre terá lugar especial em minha memória. Para além, expresso minha gratidão a todos os outros amigos e colegas de curso como Siqueira, Vinícius, Carol, Gabriel, Débora, Enize, Alex, Rebeca, Vinielle e João Pedro.

Também é com gratidão que me lembro do Programa de Assistência Estudantil da UnB. É graças às bolsas de moradia e permanência que estou entregando este Trabalho de Conclusão de Curso. Este programa é fundamental para os inúmeros jovens que, apesar dos desafios de uma vida em vulnerabilidade, mantém vivo o sonho da graduação. Torço para que o programa esteja sempre em ampliação e melhoria, para que cada vez mais pessoas necessitadas entrem e permaneçam numa universidade pública, gratuita e de qualidade.

Deixo meus agradecimentos também à professora Neuma por suas orientações e pelas possibilidades a mim apresentadas para um futuro na academia após o fim desta graduação. E por último, sou muitíssimo grato aos professores de História, e de outros vários departamentos onde estive matriculado, que realmente procuraram tocar seus estudantes com o conhecimento transformador. Sei que a Universidade de Brasília me transformou em uma pessoa mais sensível e consciente e deve isto a vocês.

Concluir minha graduação e ter meu diploma de historiador é um sonho realizado. Eu só tenho a agradecer a toda essa rede de suporte incrível que me foi proporcionada ao longo da vida.

## **RESUMO**

O viajante luso-carioca Oscar Leal (1862-1910) empreendeu uma viagem pelo sul goiano entre os anos de 1889 e 1891 a fim de fugir, em suas palavras, do *tedium vitae*. As memórias dessa jornada resultaram no livro *Viagem às Terras Goyanas: Brazil Central*, no qual Oscar analisa e crítica o povo de Goiás. Sendo um membro da classe média urbana brasileira, Leal classifica os goianos como gente atrasada. O artigo mostra como o contexto que Oscar estava inserido – no qual ele se caracterizava como membro de uma sociedade moderna, fortemente baseada no positivismo – influenciou suas opiniões sobre as terras goianas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Oscar Leal; Goiás; positivismo; modernidade; atraso.

Sou goiano da cidade de Valparaíso, na região do Entorno de Brasília. Estudei em escolas de Goiás e do Distrito Federal, mas nunca me foi ensinada a História do meu estado. Até a graduação, conhecia apenas a construção de Brasília. Nem mesmo sabia que antes disso havia gente por estas terras ou que viajantes por aqui passaram e registraram suas memórias em forma de relatos.

Enquanto procurava por um tema para este Trabalho de Conclusão de Curso, deparei-me com o relato de um viajante. Coincidentemente, ele andou pela mesma terra em que se localiza minha cidade natal, mais de 100 anos antes de eu vir a este mundo. Em 1890, o luso-carioca Oscar Leal conheceu as coisas e pessoas que havia entre a cidade de Luziânia e o Córrego da Ponte Alta – próxima da atual Região Administrativa do Gama – onde hoje está Valparaíso. Essa história está nas páginas de *Viagem às terras Goyanas: Brazil Central* e foi uma grata surpresa encontrar este livro em meio a tantos outros na Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

*Viagem às Terras Goyanas* é um livro escrito pelo viajante Oscar Leal a partir das suas memórias da viagem que empreendeu pelo sul da província de Goiás, iniciada no ano de 1889 e concluída quase dois anos depois. Essa foi sua segunda jornada pela região, sendo a primeira em 1882, quando tinha apenas 20 anos de idade. O livro foi publicado na cidade de Lisboa em 1892 e relançado em 1980 pela Editora da Universidade Federal de Goiás, como forma de resgatar a memória goiana. Apesar da riqueza de detalhes e o estilo fácil de leitura, Oscar Leal não é um viajante muito abordado em trabalhos acadêmicos.

A leitura da obra de Oscar Leal me apresentou as suas várias opiniões negativas acerca da região central do Brasil e de seu povo. Opiniões as quais ainda podem ser ouvidas nos dias atuais, vindas principalmente de pessoas das regiões Sul e Sudeste. Tão logo entrou em território goiano, Leal teceu duras críticas ao povo de Goiás. Reclamou do jeito devagar que levavam a vida, “arrastando-a para o túmulo”, chamou-os de ingênuos, indolentes, desconfiados do progresso científico, não patriotas, ignorantes e de mente fechada (LEAL, 1892; 27). Para ele, a província era um local de atraso.

Escolhi escrever este artigo a partir das opiniões do viajante, apresentadas no livro em análise e busquei compreender os motivos de Oscar Leal apresentá-las. Portanto, a pergunta aqui estabelecida é: *para Oscar Leal, por que Goiás é atrasado?*

## O BRASIL DE OSCAR LEAL

Oscar Leal nasceu em 1862 na Corte brasileira, a cidade do Rio de Janeiro. Filho de um português, o Comendador da Ordem de Isabel Jacintho Leal de Vasconcellos, viveu sua infância em Funchal, na Ilha da Madeira, de acordo com o jornal lisboeta *Diário Illustrado*<sup>1</sup>, em sua edição de seis de maio de 1892. Segundo o folhetim, Leal iniciou sua educação no colégio de Augusto Sampaio, ainda em Funchal. O mesmo noticiário também informou que Oscar era sobrinho de Sebastião Leal, desembargador da Relação de Lisboa. A partir dessas informações, é possível inferir que Oscar Leal tinha uma boa posição social e econômica, circulava por entre as camadas urbanas de mais alta influência em Portugal e no Brasil.

O bibliógrafo Sacramento Blake nos revelou – sem indicar datas ou outros dados mais específicos – que Leal retornou ainda muito jovem às terras brasileiras e concluiu seus estudos neste país, obtendo o grau de cirurgião-dentista (BLAKE, 1970; 339). Ao considerarmos as informações do famoso bibliógrafo, Oscar Leal teve sua formação marcada pelas propostas de modernização defendidas pela chamada Geração de 1870.

Maria Stella Bresciani (1993) nos mostrou que o Brasil, desde sua independência, buscava se incluir nos padrões de civilidade estabelecidos para o século XIX. Para ela, a classe política inspirava-se no liberalismo inglês e no pensamento ilustrado francês a fim de construir seu projeto civilizador a ser espalhado por todo o país ao longo daquela centúria. Por sua vez, Maria Tereza Chaves de Mello (2008) destacou a influência que a obra de Auguste Comte exerceu entre alguns dos mais altos setores da sociedade brasileira. Podemos perceber que, para as classes letradas, a civilização ideal estava nos moldes europeus, especialmente os da França e Inglaterra.

As “novas ideias”, todas materialistas, conjugaram ao positivismo, já posto na cidade letrada, o evolucionismo de Spencer, que era uma instrumentalização das teorias de Darwin para interpretar as sociedades humanas. O que cabe destacar é que elas foram capazes de renovar profundamente a mentalidade. Em primeiro lugar, porque mexeram com a ideia de tempo, e depois, porque instauraram um verdadeiro culto à ciência, que passou a ser o selo exclusivo de

---

<sup>1</sup> O *Diário Illustrado* foi um jornal de impressão diária da cidade de Lisboa. Sua primeira edição foi em junho de 1872 e a última em 7 de janeiro de 1911. Conforme disponível em <<http://purl.pt/14328>>. Acesso em oito de novembro de 2018.

garantia de legitimidade na explicação sobre qualquer fenômeno, natural ou social (MELLO, 2008; 18-19).

Ângela Alonso, por sua vez, associou o positivismo também aos novos grupos sociais fixados nos centros urbanos do país. Surgidos em decorrência da modernização econômica durante o Segundo Império, estes grupos se estabeleceram social e politicamente, ao longo da década de 1870 (ALONSO, 2002; 28). Ela nomeou esses grupos como “as classes médias” ou “burguesia”. A essas parcelas urbanas, Alonso também associou o levante do pensamento republicano e a crise que abalou as bases de apoio do Império.

Sobre a república, Mello (2008) afirmou que, nas últimas décadas do Império do Brasil, *república* era um conceito imediatamente associado às definições de liberdade, progresso, talento, cidadania e ciência. O futuro para a nova classe política e politizada – surgida na década de 1870 – seria definido por esses termos. Se o conceito de república remetia ao futuro, a autora mostra que, já naquele decênio, a monarquia era associada ao atraso, privilégio e tirania. Montou-se, assim, no plano discursivo o palco para a disputa entre o passado e o futuro.

A política, entre os anos 1860 e 1870, refletiu a ascensão social das novas classes médias urbanas. Conforme a leitura de Alonso (2002) e Mello (2008), esses grupos, influenciados pelo pensamento liberal vindo da Europa, passaram a questionar o *status quo* do Império<sup>2</sup>, no qual não encontravam espaço de atuação e reconhecimento. Não se sentiam representados por um sistema político que, em sua opinião, limitava a participação da população e legislava a favor dos grandes proprietários de terras e escravos. Também estavam descontentes com a Igreja e o seu papel fundamental frente ao regime imperial. “A Igreja dava auxílio total ao Estado no controle social, especialmente onde os braços estatais eram mais curtos: no meio rural” (ALONSO, 2002; 64). Aqui, destaco uma das características fundamentais da escola positivista: a negação dos dogmas cristãos.

Bresciani, além disto, considera que a república era vista pelos positivistas da geração de 1870, como a oportunidade de regeneração do país, ainda preso ao seu passado colonial: “Ela o conduziria com mão firme para o estado mais avançado da vida em sociedade” (BRESCIANI, 1993; 124).

---

<sup>2</sup> “Reforma ou revolução” decretou o Novo Partido Liberal em seu Manifesto de 1869.

A exposição de tais conclusões apresentadas pela historiografia sobre o período tem por objetivo mostrar que Oscar Leal não foi um caso isolado. Era representante de uma geração, muito incomodada com o atraso brasileiro, e disposto a apontar soluções para a superação daquele quadro. Republicano convicto, ao saber da ascensão do ministério liberal em junho de 1889, declarou que liberais e conservadores eram a mesma coisa e que apenas a república salvaria o país (LEAL, 1892; 60). Quando recebeu as notícias do 15 de novembro, já em dois de dezembro, voltou imediatamente à cidade de Pirenópolis para participar das comemorações. Em 15 de novembro de 1890, primeiro aniversário da República, Leal organizou uma grande festa em comemoração na cidade de Rio Verde, onde estava na época. Sobre tal evento, destacou que alguns dos participantes do festejo nem sabiam o real motivo daquilo, acreditavam ser uma festa do Divino Pai Eterno (LEAL, 1892; 180-181).

Leal construiu a imagem de Goiás baseado em atraso social, econômico e político e colocou a culpa de tal situação em seus próprios habitantes, os quais não nutriam valores ‘patrióticos’, em favor do egoísmo, da ignorância e da permanência das estruturas sociais vigentes. A falta de patriotismo, para Leal, era a falta de paixão, envolvimento com as causas em prol de sua terra, seja do seu país, seja de sua província ou de sua cidade. Leal considerava que o patriotismo estava nos mais variados pontos, desde a união da comunidade local para a reforma de um prédio público até a mobilização em nível nacional pelo fim do antiquado Império. Ele se considerava um grande patriota: defendia a república, que julgava ser a maior fonte de grandeza de uma nação. Sua ligação com a causa era tão emocional que interrompeu sua viagem e voltou a Pirenópolis apenas para comemorar com o resto da cidade, como mencionado anteriormente.

Oscar Leal estava inserido em uma classe social urbana que se considerava moderna e regida pela ciência, além de republicana. Os avanços científicos da época permitiram certa popularização da medicina e suas áreas. Como já mencionado, Oscar concluiu seus estudos no Brasil e formou-se cirurgião dentista. Entretanto, os cursos de Odontologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, na Bahia e em São Paulo foram criados apenas em 1884<sup>3</sup>. Antes disso, para obter o certificado de cirurgião-

---

<sup>3</sup> O Decreto nº 9311 de outubro de 1884, também conhecido por Reforma Sabóia, instituiu a anexação dos cursos de Odontologia, Farmácia e Obstetrícia às Faculdades Imperiais de Medicina do Rio de Janeiro e de Salvador.



dentista no Brasil, era necessário a aprovação em uma série de testes feitos por professores da já mencionada faculdade carioca. A partir destas informações, supõe-se que Leal foi aprovado nesses testes e obteve a sua licença de cirurgião-dentista. Isto deve ter ocorrido entre sua volta ao Brasil (sem data conhecida) e o ano de 1882, quando iniciou suas viagens. O objetivo da exposição destes dados é mostrar que os locais em que Oscar foi educado – em Portugal e na Faculdade de Medicina do Rio – podem ter contribuído fortemente para a construção de seu pensamento positivista e a favor da modernização brasileira.

A presença dos ideais positivistas no Brasil não era nova quando Oscar Leal frequentou a Faculdade de Medicina do Rio para obter sua licença. A primeira referência acadêmica ao positivismo em terras brasileiras, segundo Ivan Lins (1967), encontra-se em uma tese para um concurso submetido à Faculdade de Medicina da Bahia, em 1844. Acerca de tal tese, Lins não deu maiores informações sobre possível autor ou tema. Já em solo carioca, Ivan lista 17 teses positivistas submetidas à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro entre os anos de 1865 – sendo a primeira de Luís Pereira Barreto – até 1889, com 13 delas apenas na década de 80.

Partindo para outras facetas da vida de Leal, nota-se como os laços sanguíneos de Oscar com pessoas da alta sociedade portuguesa, e sua condição financeira, facilitavam seu acesso a lugares de prestígio e ao reconhecimento. Exemplo deste reconhecimento é a presença de Oscar Leal em Lisboa ser assunto para uma matéria no já mencionado *Diário Illustrado*. Ele também foi notícia por diversas vezes no jornal carioca *O Paíz*, entre 1885 até 1910, quando o noticioso anunciou a morte de Leal em Lisboa, em sua edição, de 13 de abril.

O folhetim lisboeta *Diário Illustrado* também relata que Oscar Leal viajou pelos mais distintos lugares do Brasil, países latinos e europeus com boa frequência a partir de 1882. Neste ano Leal iniciou sua primeira viagem pela região central do Brasil. Esteve, principalmente, em povoados da então província de Minas Gerais e alguns poucos do sul goiano. Anos depois, em 1886, viajou pelo norte goiano – onde atualmente é o estado de Tocantins – e pela província do Pará, seguindo o curso do rio Tocantins.

Além das viagens, Oscar também dedicou sua vida às letras. Escreveu relatos de viagens, romances, novelas, poesias e contos. Conforme Sacramento Blake

(1970), Leal integrou parte de redações de revistas e jornais em Portugal e no Brasil como *A Madrugada* de Lisboa, o *Jornal de Domingo* e *O Judarão*, ambos de Recife. E foi membro de sociedades científicas, como a Sociedade de Geographia de Lisboa e do Rio de Janeiro.

Suas viagens por Goiás renderam três livros:

- *Viagem ao Centro do Brazil* – sem data conhecida de publicação, aborda a jornada de 1882 no sul goiano e em Minas Gerais.
- *Viagem às Terras Goyanas: Brazil Central* – publicado em Lisboa, no ano de 1892, sobre sua jornada pelo sul e sudeste goianos, além de parte de Mato Grosso entre 1889 e 1891.
- *Viagem a um paíz de selvagens* – publicado em Lisboa, no ano de 1895, relatando sua viagem de caráter etnográfico acerca dos índios que viviam ao longo do Rio Tocantins. Em 2012, foi reeditado e relançado pela Editora do Senado Federal.

O presente artigo se baseia, como dito anteriormente, no segundo dos livros elencados. Tal escolha justifica-se pelo seu fácil acesso a mim, através da Biblioteca Central da UnB e pela região geográfica abordada, de meu interesse pessoal. Nesta viagem, Leal passou por cidades como Goiás, Pirenópolis, Luziânia, depois, rumou a oeste, passando por Rio Verde, Jataí e Corumbá de Goiás, adentrou o Mato Grosso, conheceu Cuiabá e Corumbá, onde terminou sua jornada tomando um barco em direção a Montevideo.

*Viagem às Terras Goyanas: Brazil Central* é um livro de tamanho médio. Ao longo de suas 255 páginas, com belas gravuras, e um glossário de palavras típicas goianas, Oscar Leal nos relata suas “peripécias” por essa terra de natureza tão exuberante e população indolente (LEAL, 1892).

A partir deste ponto, dar-se-á a análise da *Viagem às terras goyanas* de Oscar Leal.

## UM POSITIVISTA ENTRE GOIANOS

Alegando fugir do *tedium vitae*, um tédio mortal, Leal inicia sua jornada rumo à província de Goiás no dia 13 de março de 1889, na cidade de São Paulo. Ainda no trem entre as cidades de Campinas e Caldas, estabeleceu diálogo com uma moça

com a qual dividia a cabine. Ela perguntou-lhe se era republicano e ele prontamente disse que sim, e para além, acrescentou que o real patriotismo era buscar a verdadeira independência do país. A moça, felicitando-o, reafirmou a posição de Leal e ainda se colocou como defensora da independência feminina e seguidora dos ensinamentos de Madame Stael<sup>4</sup> (LEAL, 1892; 3). Oscar demonstrou grande simpatia pela moça e sua família. Sua participação no relato é totalmente oposta a das goianas.

Sobre as mulheres de Goiás, estas mal saíam nas ruas e, quando o faziam, era rumo à missa. Não estudavam em casa e nem em escolas (LEAL, 1892; 162) – segundo o viajante, apenas em 1889 um colégio de moças foi inaugurado na província. As goianas passavam o dia dentro de suas cozinhas. Nem mesmo na hora da refeição se juntavam aos maridos e seus convidados à mesa. Mary del Priore (2016) nos explicou que estes eram hábitos comuns no interior do Brasil, onde as mulheres ainda não tinham emancipação para ir e vir.

O viajante continuou sua jornada pela *Estrada de ferro Mogyana*, a qual ia até a cidade de Uberaba, em Minas Gerais. Depois deste ponto, não havia mais trilhos. Nessa localidade comprou alguns animais da carga e contratou alguns empregados, como guia e cozinheiro, para seguir a viagem (LEAL, 1892). Quando chegou ao vilarejo mineiro de Monte Alegre, exaltou o ânimo que o comércio da cidade recebeu desde a sua última passagem ali – durante sua jornada de 1882 – e a isso atribuiu responsabilidade pela proximidade que a estrada de ferro estava tomando da vila (LEAL, 1892; 24).

Sobre o rio Paranaíba, divisa entre Minas Gerais e Goiás, não havia ponte – ao contrário da divisa entre Minas e São Paulo, onde estava “uma das melhores obras de arte que a Companhia Mogyana tem construído em toda a linha férrea [...] a ponte mais extensa de todo o Brasil.” (LEAL, 1892; 5). E logo que estava em terras goianas, Leal teceu duras críticas ao povo desta província.

A balsa utilizada para cruzar o rio estava em péssimo estado. E do lado goiano da divisa, havia um grande barranco que deveria ser cruzado para chegar ao arraial de Santa Rita (LEAL, 1892; 26). Oscar Leal reclama da morosidade dos

---

<sup>4</sup> Germaine de Staël (1776-1817) foi uma autora alemã defensora da Revolução Francesa, dos princípios iluministas e da emancipação feminina. Conforme disponível em < <https://www.britannica.com/biography/Germaine-de-Stael>>. Acesso em oito de novembro de 2018.

trabalhadores do cais da barca para ajudar a ele e sua comitiva, tendo sido necessário gritar muitas vezes para que isso acontecesse.

Ah meu caro leitor, se tendes percorrido os nossos sertões, os lugares onde a vida é fácil por causa da caça e da pesca, deveis saber que esta gente caminha para o entorpecimento, para o tórumulo. Esta gente não fala – boceja, não anda – arrasta-se, não vive – vegeta. Para ela não há ambição, nem luxo, nem dinheiro, nem conforto; não há nada e que corra a vida como o barco a mercê da corrente. Para quem como eu até esta data já tem percorrido quase todos os estados do Brasil, e conhecendo geralmente a indolência quase geral do nosso povo, pouco há a dizer e muito menos fazer nas ocasiões difíceis com tal gente, que tudo é perdido, dinheiro, tempo, paciência, conselhos e tudo o mais. Palavras que lhes dirijamos são pérolas que deitamos a porcos (LEAL, 1892; 27).

Em obra anteriormente mencionada, Mello (2008) nos chamou a atenção para a popularização da literatura. Antes restrita ao universo feminino, com a proximidade do final do século XIX, o hábito de ler livros que não tinham caráter científico ganhou cada vez mais espaço entre os membros das classes letradas no Brasil. Ao conversar com o leitor, Oscar Leal mostrou que seu público-alvo de leitores era constituído por pessoas letradas de parcelas urbanas no Brasil e na Europa, já que seus livros eram publicados em Lisboa. Leal estabeleceu a diferença existente entre ele – urbano, moldado por valores da classe média em ascensão, portanto, homem moderno (ALONSO, 2002) – e aqueles os quais encontrava durante sua jornada em Goiás – sertanejos indolentes, ignorantes, que não sabiam aproveitar os luxos e confortos proporcionados por uma vida abastada em dinheiro (LEAL, 1892).

A leitura de sua travessia entre Minas e Goiás nos remete a uma jornada épica: a travessia de um portal para o atraso, a barbárie, as terras não civilizadas. Como já mencionado, sua motivação para esta viagem foi a fuga do “tédio mortal”. De modo coerente, sua jornada por Goiás foi definida por ele ao longo do texto, em diferentes momentos, como uma peripécia, ou seja, segundo Moraes Silva (1789; 435), como “mudança súbita, e imprevista, da boa, ou má fortuna, em contrária: desfecho”. Entre os elementos que possibilitavam o contato com esse inesperado estava o goiano, para Leal, uma criatura antiquada e estranha. Em nada se assemelhava ao homem cosmopolita que ele próprio era.

Nas páginas seguintes, Leal crítica a influência da Igreja Católica no nome do arraial que estava de passagem – Santa Rita – e fez a mesma coisa quando esteve em Pirenópolis, quando ainda era chamada Meiaponte – nome escolhido por um padre. Para ele, os nomes das cidades deveriam exaltar a forte memória indígena presente no local e não a cultura católica estranha aos nativos.

Leal exaltou a memória indígena em algumas passagens do livro, mas em outras, colocou os índios como bárbaros e figuras desagradáveis. A passagem destes por Corumbá de Goiás deixou “íngrata lembrança do seu repelente aspecto” (LEAL, 1892; 135). Ao comentar o ataque de um grupo de nativos a uma fazenda em Rio Verde, Oscar os chama de “covardes habitantes das selvas” (LEAL, 1892; 184).

O imaginário de Oscar sobre os índios ia ao encontro com a construção do “mito do bom selvagem” que se popularizou com o romantismo brasileiro. Para os românticos, valorizar a memória indígena era enaltecer a verdadeira cultura nacional. Entretanto, quando Leal se deparou com índios de verdade durante sua viagem, a percepção de que estes fugiam da imagem construída em sua mente transformou-os em objeto de ojeriza: os indígenas da vida real não eram como os nativos dóceis e heroicos retratados em obras como *O guarani* e *Iracema*, de José de Alencar.

Nosso viajante, contudo, foi bastante inclusivo em suas críticas. Não se conteve em criticar, além dos índios, políticos, ricos e pobres. Segundo ele, as classes políticas dominantes em Goiás não faziam questão em investir na infraestrutura da província. Faltavam pontes e as estradas não estavam em boas condições, segundo os relatos de Leal. Mas, sobretudo – de acordo com Oscar – o que mais fazia falta a Goiás era a ferrovia.

Na construção de Leal, os problemas em Goiás iam da infraestrutura à questão da falta de mão-de-obra, ademais de outros pontos. Em visita à fazenda de Joaquim de Araújo, próxima a vila de Bela Vista, o proprietário da fazenda reclama da falta de força de trabalho após a abolição da escravidão, no ano anterior. Para Joaquim, os habitantes locais eram indolentes e era uma pena a falta de imigrantes estrangeiros para trabalhar nas terras goianas (LEAL, 1892; 47), pontos que Oscar levanta por conta própria ao longo do livro.

Acerca desta perspectiva voltada à economia, Marshall Berman, em *Tudo que é sólido desmancha no ar*, remontou as origens da modernidade à expansão

capitalista do século XIX. E, como posto por Alonso (1994, 2002) e Mello (2008), o Segundo Reinado brasileiro também buscou se incluir na modernização econômica que guiava o mundo ocidental. O aumento de indústrias, lavouras de grande escala e a variedade de comércios fazia parte do processo civilizatório que as camadas médias urbanas e proprietários rurais buscavam para o país. Oscar Leal ficou feliz com as novas casas comerciais de Monte Alegre e em Santa Rita (LEAL, 1982; 29). Para ele, essas vilas ganharam mais animação com o ocorrido.

Berman fez breve lista das grandes obras da burguesia ocidental em ascensão no século XIX. Nela, inclui pontes, canais, ferrovias e as grandes movimentações de pessoas, seja para as cidades, seja para o campo, sempre a fim de tirar proveito econômico sobre isso (BERMAN, 1982; 90).

No relato de Leal a já mencionada ferrovia representava o moderno, o avanço da tecnologia humana e a esperança de um futuro brilhante. Nosso viajante colocou o trem como peça-chave para uma economia melhor – a partir do maior fluxo de pessoas mais lojas iriam abrir e mais imigrantes iriam para a região goiana, além do maior fluxo de cargas, permitindo a expansão da agricultura de grande porte em Goiás. Em suas pesquisas, Mello (2008) também colocou a locomotiva como símbolo da modernidade, realização tão almejada pelas classes médias brasileiras: “Valendo-nos de códigos visuais da época, alcançar o progresso exigia o embarque no trem da evolução rumo à estação ‘civilização’” (MELLO, 2008; 18). Barsanufio Gomides Borges (1990) colocou em sua análise da implantação da via férrea goiana – já no século XX:

A estrada de ferro é considerada a maior conquista da Revolução Industrial depois da máquina a vapor. [...] Nenhuma outra inovação tecnológica do século XIX repercutiu tanto sobre a humanidade como as ferrovias; nunca outra invenção revelou para o homem novecentista, de forma tão cabal, o poder e a velocidade de uma era (BORGES, 1990; 17).

A falta de uma estrada de ferro em Goiás contribuía em vários aspectos, para a construção, por Oscar Leal, dos goianos como um povo atrasado a viver em uma terra triste e solitária (LEAL, 1892). Quando em Pirenópolis, Leal disse que reuniões, modas, soirées, bom tom e luxo seriam coisas que só penetrariam ali com a chegada do trem (LEAL, 1892; 74). Para ele, o clima agradável e as riquezas naturais eram fatores

chamativos para imigrantes e empreendedores, que seriam atraídos pela rapidez e modernidade da via férrea (LEAL, 1892; 87).

Leal atribuiu ao Império o número baixo de escolas em Goiás de 1889 (LEAL, 1892; 33). Para ele, isso refletia de forma direta sobre a população, a qual não tinha pessoas de talento para qualquer área. O viajante descreveu o sertanejo goiano como desconfiado do progresso científico e zombador daqueles que se dedicavam à ciência. Contrariando os estudos de teor positivista da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, contemporâneos àquela época – os quais advogavam pela higiene como fator profilático (LINS, 1967) – as pessoas em Goiás acreditavam que o asseio era pura vaidade. Neste quadro, até as crianças das famílias mais ricas da província pareciam ‘meros caboclos sujos’ quando chegavam a São Paulo e ao Rio para estudar (LEAL, 1892; 44-45). Oscar descreveu que doenças como beribéri, tuberculose e febres constituíam verdadeiras endemias em cidades de Goiás e que não havia médicos para atender os pobres (LEAL, 1892; 61).

É notável a mudança do discurso de Leal acerca da terra goiana ao longo de seu livro. Ele começa, e encerra, exaltando o lugar por sua natureza exuberante e a vasta riqueza natural disponível, mas ao longo da obra, e de acordo com o teor de suas críticas, Oscar classifica a terra como triste e solitária ou até insalubre. Em seu ponto de vista as riquezas naturais eram o melhor que Goiás tinha a oferecer, ao passo que o homem goiano caracterizava o desperdício e a contaminação desta riqueza.

Em meio aos seus pensamentos de valores positivistas, Leal aplicou os ideais meritocráticos no momento em que colocou em pé de igualdade o sertanejo e o cidadão dos grandes centros urbanos (LEAL, 1892; 68). Em sua opinião o goiano perdia tempo e inteligência em atividades frívolas e sem proveito (LEAL, 1892; 68).

É possível encontrar paralelos entre a imagem do goiano construída por Leal e a realizada por Paulo Bertran, já em finais do século XX, acerca da vida e do trabalho nas terras goianas. Entretanto, o que para Leal era explicado pela ausência de força moral do goiano, viria a ser compreendido por Bertran como característica de certa *economia de abastância* (BERTRAN, 2010). Para ele, os goianos após o período de mineração acostumaram-se a viver em um ritmo produtivo essencialmente de subsistência, com eventuais excedentes destinados às festas populares (BERTRAN, 2010; 4). Por isso, eram poucas as propriedades rurais voltadas à produção comercial

em larga escala. Paulo também acrescenta a ideia de voluptuosidade na pobreza, ou seja, viver bem – dentro dos padrões de uma cultura sertaneja – sem grandes recursos financeiros.

O tempo social amoldara-se às lentidões do calendário agrícola e ao lento crescimento vegetativo dos rebanhos. Nada era urgente ou inadiável a não ser libertar o tempo para o ócio, para as inumeráveis festas do campo ou do arraial – a sociabilidade do tempo –, para pescarias e caçadas, enfim, numa palavra, para o exercício dos prazeres de uma vida simples (BERTRAN, 2010; 5).

Neste ponto é notável a diferença entre os pressupostos dos dois pensadores. Enquanto Leal analisou aquela sociedade a partir dos valores e princípios da modernidade, identificada com a urbanidade e a produção capitalista, Bertran buscou compreender os goianos a partir de sua história e referenciais próprios. Os *prazeres* apreciados por goianos eram incompatíveis com os apreciados por Oscar Leal. Segundo Bertran, os divertimentos goianos eram atividades voltadas à natureza ou à religião. E essas atividades eram consideradas antiquadas por Leal. Os prazeres para Oscar Leal eram atividades costumeiramente envolvidas por dinheiro e uma alta condição social – como as reuniões, as soirées e as modas de época, as quais já foram mencionadas neste artigo.

O goiano que não tinha boas condições financeiras vivia em casas piores que as habitações em cavernas (LEAL, 1892; 67). Os animais andavam livremente dentro das residências sujando ainda mais o chão feito de barro batido. Os cômodos eram separados por paredes de varas e o teto, o qual às vezes nem existia, era feito com as folhas secas dos pés de buriti. Móveis eram considerados artigo de luxo e as louças e utensílios costumavam ser restringidos a cuias de diferentes tamanhos, utilizadas para os mais diversos fins (LEAL, 1892; 67).

Muitas vezes quando me manifestava a este respeito lamentando tanto atraso, os companheiros faziam-me de exigente como querendo comodidades impossíveis de existir no sertão. É justamente por causa deste modo de pensar, perdendo tudo, relevando todas as faltas, que temos diante de nós a miséria como consequência da preguiça e da negligência do nosso povo sertanejo (LEAL, 1892; 67).

Oscar Leal, durante suas passagens pelas cidades goianas, argumentava que costumavam serem poucas as pessoas de companhia agradável, as quais poderiam desenvolver conversas frutíferas – sobre as artes, política ou outros assuntos da moda



entre as classes mais altas. Para o viajante, as pessoas de Goiás, mesmo as mais ricas, não sabiam apreciar as artes. Os maiores prédios nas cidades costumavam ser sobrados de um andar. Ele classificou as casas em geral como mal decoradas e as igrejas não tinham nada digno de destaque – e isto nos leva novamente à falta de patriotismo dos goianos pelas suas próprias cidades.

O mau gosto goiano era tão grande que não sabiam nem mesmo apreciar a manteiga de ótima qualidade produzida em Corumbá de Goiás: em vez de consumi-la com pães, era derretida junto ao café (LEAL, 1892; 136). Amante das artes, Leal ficou surpreso quando soube da existência de uma ópera em Pirenópolis. Entretanto, segundo sua análise, as montagens eram tão amadoras que nem mereciam crítica: as óperas eram apresentadas a céu aberto, na rua, com poucos atores – todos rapazes – os quais representavam homens e mulheres.

Antes de concluir sua viagem, Leal passou pela cidade de Corumbá, no Mato Grosso – de lá tomou um barco que descia o Rio Paraguai rumo a Buenos Aires e, depois, seguiu para o Rio de Janeiro. Ele elogiou muitíssimo a cidade mato-grossense, destacando seu porto fluvial bastante movimentado, que atraía companhias estrangeiras e imigrantes latinos e europeus para trabalhar na terra ou comercializar produtos. Oscar foi claro ao classificar a cidade dentro dos seus padrões de civilização. Apesar de estar próxima geograficamente de Goiás, Corumbá estava longe da barbárie e exotismo do goiano. Aproximava-se do modernismo carioca através das ruas arborizadas, do comércio pujante, dos imigrantes cosmopolitas, da imprensa livre dentre várias outras características. Nota-se como o embate entre ‘moderno contra antigo’ já estava feito pelo próprio autor.

## CONCLUSÃO

*Viagem às Terras Goyanas: Brazil Central* permite uma visão em pequena escala das transformações na sociedade brasileira em fins do século oitocentista. O ideário de um país republicano, moderno, baseado na ciência preenchia grande parte das mentes das mais altas classes políticas e econômicas. Para aquela geração idealizada nos anos 1870, o desafio era a transformação do interior da nação, o qual ainda se baseava nas tradições vindas de um tempo colonial rejeitado pela gente moderna e urbana.

Considero relevante questionar a importância da publicação de seu livro pouco mais de dois anos depois Proclamação da República e em solo europeu. Várias das opiniões de Leal refletem sua paixão pela causa republicana. Para ele, o fim do modelo imperial era a expansão do horizonte para o engrandecimento brasileiro, representava várias novas possibilidades de ruptura com o passado colonial que persistia na terra e na gente brasileira. Nosso viajante critica as terras goianas, mas ao mesmo tempo classifica o local como promissor e merecedor do progresso prometido pela república, assim como sugeriu soluções para alguns problemas que ele encontrava – como a tão sonhada ferrovia, resolução milagrosa às questões econômicas e sociais. Ele também menciona algumas vezes a chegada de imigrantes europeus como passo importante rumo ao modernismo desejado. Talvez, Oscar imaginou sua obra como propaganda das riquezas naturais brasileiras aos possíveis imigrantes do além-mar, e que essa terra brasileira encontraria as respostas para todos os seus problemas na república jovem e moderna. Acrescento aqui, também, a importância de divulgar a riqueza natural do lugar estabelecido para a futura capital federal, estabelecida na Constituição de 1891.

Sob o ponto de vista da modernidade que se pretendia construir ao fim do século XIX as críticas de Oscar Leal são pertinentes. Os goianos realmente eram diferentes dos cariocas e paulistanos, levavam a vida com um ritmo adaptado ao campo e não se importavam com modismos vindos de fora. Entretanto, as revisões históricas propostas no século XX apresentaram novos olhares acerca da vida em Goiás. Chaul (2010) e Bertran (2010) encararam a vida do goiano oitocentista de forma menos crítica e mais sensível às especificidades locais.

Nasr Fayad Chaul (2010) analisou o discurso dos vários viajantes que passaram por Goiás. Muitos deles classificaram a província como sertão: lugar de pouca vida e movimento, atrasado no tempo moderno. Chaul propôs o estado de indolência dos goianos não como uma simples preguiça ou morosidade, mas sim como coerência a um sistema produtivo de pura subsistência, sem a pressa das grandes produções agropecuárias que se expandiam pelo Sudeste. Por sua vez, Oscar Leal colocou o goiano como sertanejo de poucos modos e muita indolência no ritmo lento de levar a vida, pois, para ele, um mundo de expansão capitalista era o correto e toda a nação brasileira deveria buscar por esse ideal.

Ou seja, sob a ótica de Leal, a cultura sertaneja que pouco mudara entre as bandeiras paulistas do século XVII e a Proclamação da República era um entrave para a construção do Brasil moderno que ícones da geração de 1870 pretendiam – a exemplo das reformas propostas por Rio Branco (ALONSO, 2002). Entretanto, as características consideradas negativas pelo homem moderno de fins do Império, a partir de revisão histórica, tornaram-se positivas: a “sociedade de abastância” goiana proposta por Paulo Bertram pouco se assemelhava com a nova classe média capitalista e isso não constituía prejuízo à nação (BERTRAN, 2010).

Oscar Leal não foi um integrante notável do grupo político/militar que destituiu o Império do Brasil e instaurou a República. Porém, tem as marcas do cidadão urbano de fins do século XIX: suas opiniões acerca do sistema vigente, sobre a Igreja, o modo que se dedicava às artes literárias, assim como mostrou paixão e empenho ao teatro, tão populares naquelas décadas.

Em sua passagem por Goiás, Leal presenciou as artes que tanto admirava ainda engatinhando. A ópera de Pirenópolis ele classificou como extremamente amadora. Colocou como modas antiquíssimas as músicas da Romaria de Trindade (LEAL, 1892; 150). E um dos primeiros clubes dedicado à leitura – o Club Literário 5 de Setembro de Pirenópolis – teve como Leal um dos sócios fundadores (LEAL, 1892; 146). Enquanto no Rio de Janeiro estas atividades culturais remontam à chegada da família real portuguesa, ainda na primeira década do século XIX.

Para Oscar Leal, Goiás era atrasado na saúde, já que “nenhum outro [médico] se tem querido aventurar em tão remotas terras” (LEAL, 1892; 197); na educação, a partir do momento que havia poucas escolas, com professores mal pagos e qualidade de ensino duvidosa (LEAL, 1892; 162); nos costumes, com a indolência no trabalho, a desconfiança na ciência, a falta de apreço às artes, a falta de independência feminina; na infraestrutura precária de estradas e pontes; na inexistência de uma via férrea; dentre outros fatores mais. Esses pontos estavam sendo resolvidos no Rio de Janeiro desde o início do Império. As faculdades de medicina e direito educavam ao mais alto nível seus alunos. A mão de obra era garantida por escravos e após a abolição com imigrantes. As modas francesas de vestimentas, mobiliário, arquitetura e literatura popularizavam-se na Corte através dos comerciantes da Rua do Ouvidor. Companhias

estrangeiras ligavam Rio e São Paulo aos centros cafeeiros através de estradas e ferrovias<sup>5</sup>.

Goiás era a representação de um Brasil indesejado por Oscar Leal e seus companheiros de filosofia positivista. Ele torcia pelo desenvolvimento da província, acreditava no potencial de uma terra rica em natureza e meio ambiente. Para Leal, Goiás tinha todos os atrativos para a modernização e o progresso, com exceção de seu próprio povo, o qual não passava de pessoas de mente fechada e egoístas para com as melhorias de sua comunidade local. Apesar de achar desagradável a conversa e o trato pessoal goiano, Leal também os classifica como gente dócil e afável. É importante notar o seu uso da palavra “dócil”. Provavelmente essa característica indique que a própria mentalidade goiana seria algo facilmente contornável para a construção da modernidade brasileira.

Hoje, São Paulo e Rio de Janeiro ainda despontam como os grandes centros econômicos e industrializados do país. A cidade de São Paulo é a mais populosa da América Latina e a cidade do Rio de Janeiro é um dos principais polos turísticos do hemisfério sul. Enquanto Goiás encontra-se, em geral, em níveis medianos em relação aos outros estados brasileiros<sup>6</sup>, atrás das regiões sul e sudeste e à frente do norte, nordeste e o resto do centro-oeste. Com a expansão do agronegócio no século XX, Goiás seguiu o caminho do campo. Sua integração ao resto do país veio com a modernização rodoviária proposta com a construção de Brasília, não através da ferrovia.

Goiás não é mais considerado o limite entre a civilização e a barbárie, como Oscar Leal considerou. Mas sua posição como estado rural ainda preenche a mente de cariocas e paulistas como lugar à margem de suas metrópoles urbanas e de suposta modernidade.

---

<sup>5</sup> Mary Del Priore com suas *Histórias da gente brasileira: Império* descreve com detalhes as diferenças do estilo de vida entre os grandes centros urbanos e o interior do Brasil.

<sup>6</sup> Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2015, Goiás tinha o 9º maior produto interno bruto entre os estados brasileiros. Acerca da população, ainda segundo o IBGE, a estimativa para 2018 era de aproximadamente sete milhões de habitantes, com 20,35hab./km². Colocadas em ordem entre os estados brasileiros, seria a 17ª maior densidade demográfica e a 12ª maior população.

## Fontes

LEAL, Oscar. **Viagem às terras goyanas: Brazil Central**. Goiânia, Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1980.

IBGE | Brasil em síntese | Goiás | Panorama. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/panorama>>. Acesso em: 31 out. 2018.

DIÁRIO ILLUSTRADO. Lisboa: Imprensa de Souza Neves. 6 de maio de 1892.

O PAÍZ. Rio de Janeiro: João José dos Reis Júnior. 19 de março de 1892.

O PAÍZ. Rio de Janeiro: João José dos Reis Júnior. 28 de setembro de 1892.

O PAÍZ. Rio de Janeiro: João José dos Reis Júnior. 21 de outubro de 1892.

O PAÍZ. Rio de Janeiro: João José dos Reis Júnior. 14 de novembro de 1892.

O PAÍZ. Rio de Janeiro: João José dos Reis Júnior. 2 de outubro de 1893.

O PAÍZ. Rio de Janeiro: João José dos Reis Júnior. 19 de março de 1895.

O PAÍZ. Rio de Janeiro: João José dos Reis Júnior. 14 de fevereiro de 1900.

O PAÍZ. Rio de Janeiro: João José dos Reis Júnior. 13 de outubro de 1910.

## Referências

ALONSO, Ângela. **Idéias em movimento**: a geração 1870 na crise do Brasil império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALONSO, Ângela. **De positivismo e de positivistas: Interpretações do Positivismo brasileiro**. BIB, Rio de Janeiro, n. 42, p. 109-134, 2.º semestre de 1996.

BORGES, Barsanulfo Gomides. **O despertar dos dormentes**. Goiânia. Editora da UFG, 1990.

BASTOS, Tocary Assis. **O positivismo e a realidade brasileira**. Belo Horizonte. Edições da Revista Brasileira de Estudos Políticos, 1965.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: A aventura da modernidade. 10. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1993.

BERTRAN, Paulo. **Formação econômica de Goiás**. Goiânia, Oriente, 1978.

BERTRAN, Paulo. **Prefácio**. In: CHAUL, Nasr Fayad. **Caminhos de Goiás – da construção da decadência aos limites da modernidade**. 3. ed. Goiânia, GO: Editora UFG, 2010.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionario bibliographico brasileiro / Augusto Victorino Alves Sacramento Blake. Vol. 6**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970.

- BORGES, Barsanulfo Gomides. **O despertar dos dormentes**. Goiânia. Editora da UFG, 1990.
- BRANDÃO, Antônio José da Costa. **Almach da Província de Goyaz para o ano de 1886**. Goiânia, Ed. da UFG. 1978.
- BRESCIANI, Maria Stella M. **O cidadão da República: Liberalismo versus Positivismo Brasil: 1870-1900**. Revista USP. São Paulo, n. 17, p. 122-135, 1993.
- CARDOSO, Sérgio: O olhar do viajante. In: NOVAES, A .{et al}: **O olhar**. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- CHAUL, Nasr Fayad. **Caminhos de Goiás – da construção da decadência aos limites da modernidade**. 3. ed. Goiânia, GO: Editora UFG, 2010.
- CORRÊA, Margarida da Silva Nunes. Naturalistas e Viajantes Estrangeiros em Goiás (1800-1850). In CHAUL, Fayad Nasr.(org.): **Goiás identidade, paisagem e tradição**. p.75-121.
- CRIPPA, Adolpho. **Ideias políticas no brasil**. São Paulo, SP: Convívio, 1979.
- FUNES, Eurípedes Antônio. **Goiás 1800-1850: um período de transição da mineração à agropecuária**. Goiânia, Ed. da UFG, 1986.
- JESUS, Danilo Mota de. **O ensino de odontologia na América do século XIX**. Anais Eletrônicos do IX Congresso Brasileiro de História da Educação. João Pessoa, p. 6713-6723, 2017.
- LINS, Ivan. **História do positivismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 1967. 707 p.
- LUZ, Aline da Costa. **Contribuições dos viajantes para a construção da História Regional: um enfoque aos relatos de Oscar Leal**.
- MELLO, Maria Tereza Chaves de. **A modernidade republicana**. Tempo, Niterói , v. 13, n. 26, p. 15-31, 2009.
- PALACÍN, Luís. MORAES, Maria Augusta de Sant'Anna. **História de Goiás**. 6ª Ed. Goiânia, GO: Editora UCG, 1994.

### **DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE**

Eu, André Spindola Fontenele Alves, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “A viagem de Oscar Leal pelo moderno e o atraso: um positivista entre goianos em fins do oitocentos” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.